

SANTO AGOSTINHO E AS PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS DE “DE MAGISTRO”¹

Autor (a): Beatriz da Costa Carneiro

Acadêmica do Curso de Pedagogia

Orientador: José Batista de Oliveira

Mestre em Educação

Universidade Federal do Maranhão – CCSST

E-mail: biacarneirohbd123@gmail.com

Resumo: Santo Agostinho foi um grande pensador que contribuiu bastante para o que hoje nos é apresentado como “educação”. O mesmo é considerado como uma figura de extrema importância em nosso meio, servindo de base e influência para muitos estudiosos, já que carrega consigo uma bagagem repleta de cultura, conhecimento e devoção. Por isso, o presente estudo tem por finalidade apresentar Santo Agostinho, discorrendo acerca de suas contribuições para a Educação a partir das perspectivas educacionais apontadas em sua obra *De Magistro*, que comprova a tão estreita relação de Agostinho com a educação.

Palavras-chave: Santo Agostinho. Educação. De Magistro

De Magistro é uma das principais obras de Santo Agostinho e até uma das mais conhecidas, afinal é nela que temos a oportunidade de ver este grande pensador não só no papel de um fiel devoto, mas também no papel de mestre e educador, que por meio da obra em questão, lança sua visão acerca da educação, mas sempre fazendo analogia com a religião, o que justifica a preferência por tal tema. Assim pode-se dizer que o objetivo principal deste artigo, é apresentar Agostinho não só a partir da perspectiva religiosa, mas também da educacional.

A princípio se faz necessário que tenhamos ao menos uns relés conhecimento sobre quem foi esse grande personagem de tal grande relevância, e é por isso que o presente artigo inicialmente se refere à vida de Agostinho com foco educacional, religioso e com plenas ressalvas a algumas de suas valiosas obras. A apresentação desse artigo percorre os 14 capítulos inclusos na obra *De Magistro*, em busca das principais perspectivas educacionais expostas, fazendo menção a esses capítulos de forma aleatória. Os principais aspectos aqui retratados consistem principalmente na finalidade da linguagem, no processo de interiorização e no que o mesmo fala em relação ao papel

¹ Trabalho curricular apresentado na disciplina de Filosofia da Educação.

do mestre. Apesar de tal obra se tratar basicamente da linguagem, não é possível dizer que Agostinho através da mesma, conseguiu elaborar uma inédita teoria a partir dos seus exatos discernimentos no que diz respeito à linguagem, entretanto, não podemos deixar de notar que suas reflexões foram de extrema importância para o aprofundamento de outros estudos acerca desse objeto de pesquisa.

Quem foi Santo Agostinho?

Seu nome de batismo era Aurelius Augustinus, chamado de Agostinho de Hipona ou mais conhecido como Santo Agostinho. Nasceu no dia 13 de novembro de 354 d.C., na cidade de Tagaste - província romana de Numídia ao norte da África – sendo filho primogênito de um pai pagão, que se converteu ao cristianismo em seu leito de morte, e de uma mãe que era uma fervorosa cristã. Da mesma, Agostinho recebeu como herança seus preciosos ensinamentos religiosos. Porém Santo Agostinho não foi uma criança que gostasse de estudar, devido aos métodos agressivos utilizados por seus mestres, além dos duros castigos. Contudo, era um menino vivo, inteligente, risonho, buliçoso, traquino, amante dos jogos. Gostava de brincar e de fazer amizades, tanto que, desde cedo, destacava-se entre as outras crianças pela facilidade de se comunicar e pelo encanto de suas conversas.

Sua vida educacional se iniciou nas cidades de Tagaste e Madauro onde aprendeu o Latim, além das práticas e crenças pagãs. Logo, tornou-se dedicado pela leitura de livros, onde o que mais lhe chamou atenção foi o diálogo perdido de Cícero, chamado Hortêncio, que despertou seu interesse pela filosofia. Aos dezessete anos, no ano de 371 d.C. ele se muda para Cartago a fim de completar sua educação e nesta mesma cidade ele funda uma escola, se tornando também um adepto ao Maniqueísmo, que era uma doutrina voltada para a concretização da existência tanto do bem quanto do mal. Aos 20 anos ele volta para Tagaste como professor de retórica, juntamente com seu filho e sua esposa de origem africana que mais tarde, é mandada de volta para África por ele ser “honestiore”, ou seja, ele pertencia a uma categoria superior a dela e assim, não poderia contrair matrimônio com uma pessoa de baixo estrato, ficando apenas com seu filho Adeodato. Em 386 d.C. aos 32 anos de idade devido aos problemas de saúde e aos seus dilemas espirituais ele abandona de vez a pedagogia, abandonando também a filosofia maniqueísta, por a mesma se tornar insuficiente de responder a todos os seus questionamentos e inquietações. Adota assim o neoplatonismo, pois é através dele que Agostinho começa a entender a verdadeira espiritualidade, e aí uma nova junção começa a nascer na mente e no coração dele: o neoplatonismo e o Cristianismo.

Em 387, Agostinho já estava convertido ao Cristianismo e batizado junto com seu filho Adeodato pelas mãos de Santo Ambrósio, bispo de Milão. Após a morte de sua mãe em 381, de seu filho em 388, Agostinho torna-se mais convicto e entregue aos serviços de Deus, ao monastério e a sua atividade no Tribunal de Tagaste. Tornou-se sacerdote a pedido do povo e logo após foi nomeado Bispo de Hipona, cargo esse exercido até sua morte, o que justifica o fato de ser também chamado de “Agostinho de Hipona”. No dia 28 de agosto do ano 430 aos 75 anos, morre Santo Agostinho, vítima de uma invasão de vândalos que ocorreu em Hipona. “Seus restos mortais” descansam na cidade de Pavia, no norte da Itália. Em 1292 Santo Agostinho foi canonizado por aclamação popular, e reconhecido como Doutor da Igreja, pelo papa Bonifácio VIII.

Escrituras

Santo Agostinho conseguiu nos deixar ao todo 113 obras, sendo que algumas destas são detentoras de visões filosóficas, como “Da vida beata”, contra os acadêmicos, ou como “Os solilóquios”, que trata da imortalidade e quantidade da alma, do mestre e da música, além de outras obras que complementam essa visão filosófica através da teologia, como é o caso de: Da Verdadeira Religião, As Confissões, A Cidade de Deus, Da Trindade, Da Mentira. Mas, dentre todas as obras, destacam-se quatro: "A Cidade de Deus", pois a mesma representa a primeira tentativa de uma interpretação cristã da história; "As Confissões", onde Agostinho manifesta sua fraqueza que gera o mal, além de falar de Deus, fonte de todo bem e verdade absoluta; “De Magistro” ou “O Mestre”, que é uma obra também de caráter pedagógico, que se apresenta através de um diálogo entre Agostinho e seu filho de 16 anos, sobre a linguagem; e “De Trinitate” ou “A Trindade”, uma das principais obras que fundamenta a crença na Santíssima Trindade de Deus.

A obra *De Magistro* foi escrita por Agostinho por volta de 389 d.C., abordando a afinidade entre mestre e discípulo acerca do ensinar e aprender. No capítulo IX da primeira parte da obra *Confissões*, o próprio Agostinho confirma como foi escrita tal obra:

Há um livro meu que se intitula De Magistro, onde ele dialoga comigo. Sabeis que todas as opiniões que aí se inserem, atribuídas ao meu interlocutor, eram as dele quando tinha dezesseis anos. Notei nele coisas ainda mais prodigiosas. Aquele talento causava-me calafrios de admiração, pois quem, senão Vós, poderia ser o artista de tais maravilhas? (AGOSTINHO, 400 d.C. apud CSERNIK, 2007, p.84).

A obra em questão foi dividida em 14 capítulos, onde todos se resumem no diálogo entre Agostinho e seu filho Adeodato – o “ele” expresso na citação anterior - onde ambos raciocinam sobre a linguagem, focando na origem e no papel da mesma, dentro do processo de conhecimento.

O capítulo I da obra *De Magistro*, tratada finalidade da linguagem, onde ai Agostinho faz um debate com Adeodato sobre o que fazemos quando falamos. No fim do capítulo Agostinho (389 d.C.) finaliza dizendo que mesmo sem emitir som, nós falamos quando em nossa mente pensamos nas palavras, e a memória, faz com que venham à mente as coisas, das quais as palavras são sinais. A partir daí podemos notar que as palavras, por serem apenas sinais de valor restrito, não fazem com que o homem conheça as coisas, mas permitem que ele se lembre de algum conhecimento que já possui, ou até o incitam a procurar conhecer a “coisa” em questão, ou seja, as palavras não trazem o conhecimento das coisas, mas trazem à lembrança de alguma experiência prévia acumulada pela memória, até porque são as experiências sensíveis que temos a partir dessas palavras que nos fazem conhecer a realidade. É importante pontuar que tal afirmação sobre a finalidade da linguagem, faz com que a posição de Agostinho seja análoga a posição platônica, entretanto, Santo Agostinho substitui a teoria da reminiscência platônica pela teoria da “iluminação” (ALVES, 2012, p.83). Portanto, a partir de tal obra, este grande pensador vem nos apresentar a educação como um processo de interiorização onde o indivíduo vai encontrar o conhecimento dentro de si mesmo, sendo que esses conhecimentos, segundo o capítulo XII da obra, podem ser de dois tipos:

[...] todas as coisas que percebemos, percebemo-las ou pelos sentidos do corpo ou pela mente. Chamamos às primeiras "sensíveis", às segunda "inteligíveis", ou, para falar segundo costumam os nossos autores, às primeiras "carnais" e às segundas "espirituais"(AGOSTINHO, 389 d.C. apud OS PENSADORES, 1980, p.396).

Santo Agostinho também deixa claro neste capítulo que o descobrimento do verdadeiro conhecimento não é mérito exclusivo do homem, pois, o mesmo “só aprende em seu interior quando recorre a Deus, ou seja, quando confere o que lhe chega por meio dos sentidos com a verdade apresentada por Deus à sua mente, sendo que seu entendimento se dá com o auxílio da iluminação que recebeu” (NUNES, 1978 apud SOUZA; PEREIRA MELO, 2009, p.07).

O título *De Magistro* significa *O mestre*, portanto é óbvio que tal obra também trata do papel do professor. Para Agostinho o professor assume o papel de apenas auxiliar do educando, quando mesmo assume a busca pelo verdadeiro conhecimento que está dentro de si mesmo, de forma que ao proferir suas palavras, o educador estimula o educando a voltar-se para o seu interior buscando os saberes que assim necessita. Tal ideia está expressa no capítulo XI, onde Agostinho fala que:

Quanto às coisas que compreendemos, não consultamos a voz de quem fala, que é exterior, mas a verdade que dentro de nós reside, em nossa mente, estimulados talvez pelas palavras a consultá-la. Quem é consultado ensina em verdade, e este é o Cristo que habita, como foi dito, no homem interior, isto é, a virtude única de Deus e a eterna Sabedoria, que toda alma

racional consulta, mas que se revela ao homem na medida de sua própria boa ou má vontade (AGOSTINHO, 2008, p. 401 apud SOUZA; PEREIRA MELO, 2009, p.11).

Porém, no capítulo XI, Agostinho se preocupa também em fazer uma pequena distinção entre o “Mestre divino” e o “mestre terreno”, de que forma que para ele:

[...] o verdadeiro e único Mestre de todos está no céu. E o que há nos céus, no-lo ensinará Aquele que, por meio dos homens, também nos admoesta com sinais exteriores, para que, voltados para Ele interiormente, sejamos instruídos (AGOSTINHO, 2008, p. 409 apud SOUZA; PEREIRA MELO, 2009, p.11).

De qualquer forma Santo Agostinho não deixa de reconhecer o papel do mestre terreno afinal segundo ele “o mestre terreno tem um papel importante, pois favorece a ação divina e estimula seus discípulos a se voltarem para seu interior e ali buscar o conhecimento” (SOUZA; PEREIRA MELO, 2009, p.11). Através das reflexões apresentadas na obra em questão, nós podemos notar que de certa forma o educador e o educando, ou no caso o mestre e o discípulo assumem em conjunto o mesmo papel, já que o aluno ao questionar, também procura ali ensinar, de forma que assim o mesmo passa a ser um ser ativo no processo educacional. É o que está expresso no capítulo I através do seguinte diálogo:

AGOSTINHO — Ainda neste caso, creio que só uma coisa queremos: ensinar. Pois, diz-me, interrogas por outro motivo a não ser para ensinar o que queres àquele a quem perguntas?

ADEODATO — Dizes a verdade, AGOSTINHO. Vês portanto que com o falar não nos propomos senão ensinar (AGOSTINHO, 389 d.C. apud OS PENSADORES, 1980, p.349).

Segundo ABREU (1996, p. 212), no capítulo II Agostinho e Adeodato, afirmam que “um sinal não pode ser sinal sem significar algo. Por isso, suspende-se a questão do significado da palavra nihil (“nada”, em latim) em vista de sua dificuldade”. É o que diz o seguinte trecho da obra:

ADEODATO — “Nihil” que outra coisa significa senão o que não existe?

AGOSTINHO — Talvez digas a verdade, porém me impede de concordar contigo o que afirmaste acima: que não existe sinal sem que signifique algo; ora, o que não existe de maneira nenhuma pode ser alguma coisa. Por isto, a segunda palavra deste verso não é um sinal, porque nada significa, e, então, erroneamente concordamos que todas as palavras são sinais, ou que todo sinal signifique algo (AGOSTINHO, 389 d.C. apud OS PENSADORES, 1980, p.342-343).

Em vários momentos de sua obra, Agostinho utiliza como base de sua fala e de suas afirmações, citações bíblicas, o que a partir daí já pode provar como o mesmo cada vez mais estreitava a ligação entre a educação e a religião.

Conclusão

Assim podemos concluir que Santo Agostinho se preocupou muito com o fato do ensino se dar não somente pelo uso das palavras – aqui definidas como símbolos – mas também pelas experiências sensíveis, de modo que o educador forneça espaço e meios suficientes para que o educando, encontre o verdadeiro conhecimento dentro de si através do processo de interiorização, lembrando sempre que essa dádiva provem da iluminação divina, e o torna um sujeito ativo no processo educacional. Com todas as ideias que aqui foram expostas e a partir de todos os princípios debatidos, temos a enorme honra de notar que Santo Agostinho foi um símbolo de devoção e de ensino tanto que as suas obras e os seus pensamentos ultrapassaram os limites de sua época, afinal o mesmo, acompanhado de suas ideias, foi considerado um inovador, tanto que sua influência perdurou não só na Idade Média mas até os dias atuais, abrangendo os campos do conhecimento, da cultura e da religião.

Referências

ABREU, João Azevedo. **Sobre o De Magistro, de Santo Agostinho**. Trans/Form/Ação (São Paulo), v.19, p.211-219, 1996.

ALVES, Marco Aurélio do Nascimento. A perspectiva agostiniana acerca da linguagem na obra: De Magistro. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Minas Gerais, v.7, n.8, p. 83 - 85, ago-dez. 2012.

AMARAL, Roberto; SOUZA, Camila Cristina de; PEREIRA, Crislene Silva. **O tempo e a eternidade em Santo Agostinho**. Minas Gerais: UFVJM, 2012. Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas, Minas Gerais. n. 02 – Ano I – 10/2012.

FERNANDES, Carlos. **Aurélio Agostinho, Agostinho de Hipona, ou Santo Agostinho**. Só Biografia, 2011. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/> Acesso em: 05 jan. 2016.

LANGONE, Hugo. **De magistro: dos signos à transcendência**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 10, n. 25, p. 268-277, jan./mar. 2012.

MAXWELL. **Contexto histórico de Santo Agostinho**. PUC-Rio. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6854/6854_2.PDF > Acesso em: 19 jan. 2016.

ORDEM DE SANTO AGOSTINHO. Agostinianos. Disponível em: <<http://www.agostinianos.org.br>> Acesso em: 04 dez. 2015

OS PENSADORES. **Santo Agostinho, Confissões; De magistro = Do mestre**. Tradução de J. Oliveira Santos, A. Ambrósio de Pina e Ângelo Ricci. 2º ed. — São Paulo: Abril Cultural, 1980.

RIBEIRO, Marcelo Oliveira. **A Primazia da Realidade: Uma Análise Pedagógica do De Magistro, de Agostinho**. Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS, VII Edição. Rio Grande do Sul, 2011.

SANTANA, Ana Lúcia. **Santo Agostinho**. Info Escola – Navegando e aprendendo. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/santo-agostinho>> Acesso em: 18 fev. 2016.

SOUZA, Mariana Rossetto; PEREIRA MELO, José Joaquim. A Educação Em Santo Agostinho: Processo De Interiorização Na Busca Pelo Conhecimento. In: CONGRESSO NACIONAL DE



EDUCAÇÃO – EDUCERE, III ENCONTRO BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 9., 2009,
Paraná. Anais... Paraná: PUCPR, 2009. p. 7-11.